

## O choque e as províncias de significado finito de Alfred Schütz

Paulo Bernardo Ferreira Vaz<sup>1</sup>  
Débora Veríssimo Costa<sup>2</sup>

### Resumo

Propomos neste artigo uma reflexão teórica envolvendo o conceito do *choque* de acordo com Alfred Schütz, a partir das considerações desse autor sobre as Múltiplas Realidades / Províncias de Significado Finito. Elementos como a intersubjetividade, o trabalho, a atenção, a *epoché*, as perspectivas temporais, dentre outros, são debatidos ao longo do nosso raciocínio como alguns pilares a partir dos quais, Alfred Schütz traça a sua reflexão teórica. Em um esforço de aprofundarmos os nossos olhares nesta perspectiva do autor, buscamos uma aproximação à reflexões que possam colaborar não apenas na extensão e no alcance do campo da comunicação, mas principalmente, na abordagem de um raciocínio que possa contribuir à própria reflexão das teorias da comunicação.

**Palavras-chave:** Choque. Alfred Schütz. Múltiplas realidades.

### Abstract

In this article we propose a theoretical discussion about Alfred Schütz' concept of *choc*, in connection with his reflections involving the Multiple Realities / Finite Significant Provinces. Elements like inter subjectivity, work, attention, *epoché*, temporal perspectives, among others, are explored through our discussion as crucial points from which Alfred Schütz coordinate his theoretical reflections. Attempting for a further discussion, we intend to explore some concepts that would collaborate with the expansion of the studies in communication.

**Keywords:** Choc. Alfred Schütz. Multiple realities.

Submissão em: 19/09/2013

Aceito em: 19/11/2013

<sup>1</sup>Doutor em Comunicação e Educação pela Universidade de Paris XII e Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (UFMG) e professor visitante no POSJOR (UFSC). E-mail: paulobvaz@gmail.com

<sup>2</sup>Mestranda em Comunicação Social pela UFMG. Publicitária graduada pela PUC Minas em 2008. E-mail: deboracosta72@gmail.com

## Introdução

*“Entrei pela loja e estanquei, surpreso. Não havia ninguém à vista. [...] Compreendi que o háxixe começara sua obra havia muito, se não o comprovasse a transformação das caixinhas de talco em caixas de bombons, dos estojos de níquel em tabletes de chocolate, e das perucas em bolos, minhas gargalhadas já seriam advertência suficiente. Pois é com a gargalhada e com o riso, este mais silencioso, mais íntimo e inebriante, que começa a transe.”* Walter Benjamin. Haxixe.<sup>3</sup>

Neste breve relato, Benjamin (1985) nos convida a oscilar entre universos. A advertência é incumbida à gargalhada, ou seja, o autor destaca que neste transe, algo interfere em seu percurso, um sinal que o adverte à mudança entre as realidades. Não muito distante à descrição de Benjamin (1985), Schütz (1979) associa a essa realidade da euforia,

(...) nossa incerteza, que se relaxa com o riso quando ouvimos uma piada e ficamos durante um breve período de tempo dispostos a aceitar o mundo fictício da anedota como uma realidade, em relação à qual o mundo da nossa vida diária assume um caráter de bobagem. (SCHÜTZ, 1979, p. 251)

A possibilidade de transitarmos de uma realidade a outra e desfrutarmos destas múltiplas experiências compõem a nossa vida. O que tenciona e nos estimula a retirada do acento de realidade de um mundo a outro é o que Schütz (1979) define como *choque*. Este será o nosso enfoque.

No entanto, partir de um conceito designa um esforço maior, ou seja, averiguar quais são as vertentes que o conduzem bem como, o posicionam quanto conceito em si. Nossa proposta parte do *choque* delineado pelo sociólogo-fenomenólogo Alfred Schütz e, a partir daí, das relações que sustentam este conceito na obra do autor.

## O choque

Em suas reflexões, Schütz (1979) nos indica algumas características daquilo que nomeia de *choque*. A definição mais exata descreve: “O choque, não é nada mais do que uma modificação radical da tensão de nossa consciência, fundada num tipo diferente de atenção à vida” (SCHUTZ, 1979, p. 252).

Em outro raciocínio, o autor define que, não estamos prontos para abandonar nossa atitude em relação à realidade que nos parece natural enquanto não vivenciamos um choque específico, que nos impele a romper os limites dessa “província finita” do significado e a mudar o acento de realidade para outra. Essa qualidade de “finita”, citada por Schütz (1979), implica que não existe possibilidade de se referir uma dessas províncias a outra, através da introdução de uma fórmula de transformação. “A passagem só pode ser feita por meio de um ‘salto’<sup>4</sup>, como Kierkegaard o

<sup>3</sup> Neste relato, Benjamin (1984) descreve um depoimento do pintor e filósofo alemão Eduard Scharlinger (1885, 1977), no livro Haxixe. Volume que tem como tema a embriaguez e as experiências com essa droga.

<sup>4</sup> Schütz utiliza como referência a história do personagem bíblico Jacó (Gênes, 28, 10-25), para ilustrar a definição de *choque*. Ao longo de seu raciocínio o autor usa o termo “salto”, empregado na história, como sinônimo de choque.

chama, que se manifesta na experiência subjetiva de um choque.” (SCHÜTZ, 1979, p. 252). Em diálogo com o salto, o choque é associado também, a uma irrupção da experiência transcendente no mundo da vida cotidiana, que o transforma e dá a cada elemento seu, uma significação de apresentação que não possuía anteriormente.

Essas experiências de choque são frequentes na nossa vida cotidiana, elas fazem parte dessa realidade. Como Schütz (1987) define, elas nos demonstram que o mundo do trabalho, aquele que ajuda a constituir o mundo da vida cotidiana de forma consciente, não é a única província finita de significação, mas, somente, uma dentre muitas outras acessíveis à nossa vida intencional. Dessa forma, existem tantos tipos possíveis de experiências de choques diferentes como existem províncias do significado finitas diferentes, às quais podemos atribuir o acento de realidade:

O choque de adormecer, que é um salto para o mundo dos sonhos; a transformação interior por que passamos quando a cortina do teatro se levanta, que é a transição para o mundo do palco; a mudança radical em nossa atitude se, diante de uma pintura, permitimos que nosso campo visual seja limitado pelo que está dentro da moldura, que é a passagem para o mundo pictórico; nossa incerteza, que se relaxa com o riso quando ouvimos uma piada e ficamos durante um breve período de tempo dispostos a aceitar o mundo fictício da anedota como uma realidade (...); a inclinação da criança para o seu brinquedo, que é a transição para o mundo da brincadeira; e assim por diante. (SCHÜTZ, 1979, p. 251)

Schütz (1979) nos retoma também o mundo das experiências religiosas e o mundo do Raciocínio Científico, que representa um choque quanto à decisão do cientista em substituir sua participação afetiva nos objetos e temas desse mundo, por uma atitude contemplativa desinteressada<sup>5</sup>.

Percebemos, portanto, que a passagem entre os diversos âmbitos de significado finito se opera através de um choque graças ao qual transcendemos os limites daquilo que considerávamos real. “Num único dia, ou mesmo numa única hora nossa consciência pode correr pelos mais diferentes tipos de tensão e adotar as mais diferentes atitudes de atenção com relação a vida.” (SCHÜTZ, 1979, p. 252)

Entretanto, são alguns conceitos que Schütz emprega ao longo de sua reflexão, que nos parecem interessantes ao raciocínio do *choque*. É válido destacar três deles: a atenção, o acento de realidade e a tensão. Neste tripé Schütz faz seu percurso pelas realidades múltiplas, utilizando o conceito de *choque* como aquele que impele a romper os limites de uma província, mudando o seu acento de realidade, e principalmente, mostrando que existem outras províncias de significado finito acessíveis à realidade intencional, além do mundo do trabalho.

A relação entre a província da realidade cotidiana em comparação com as demais províncias nos auxiliará na compressão destes três conceitos na construção do choque.

<sup>5</sup> “(...) não é passional o seu interesse na questão de se suas antecipações, se preenchidas, vão provar ser úteis para a solução de seus problemas práticos, mas apenas lhe interessa se elas vão ou não passar no teste de verificação das experiências que se seguem.” (SCHÜTZ, 1979, p. 255)

## As províncias de significado finito e a construção do choque

De acordo com a definição de Schütz (1979), cada província do significado – o mundo dos objetos que podemos afetar com nossas ações e os demais mundos, como o do insano, do jogo, o mundo da imaginação, o dar arte, o da contemplação científica, entre outros – têm o seu estilo cognitivo especial. Esse caráter especial se deve ao conjunto de experiências que constituem cada província finita de significado. Dessa forma, Schütz (1979) caracteriza cada província por uma forma específica de: tensão de consciência (desde o alerta total com relação à realidade da vida cotidiana até o sono no mundo dos sonhos), de vivenciar a si próprio, de perspectiva de tempo e, finalmente, por uma forma específica de socialização.

### O mundo da vida cotidiana

A esfera total das experiências de um indivíduo, a qual é delimitada pelos objetos, pessoas e eventos encontrados na busca dos objetivos pragmáticos do viver. É um ‘mundo’ em que a pessoa está ‘totalmente alerta’ e que se afirma como a ‘principal realidade’ da vida dela. (SCHÜTZ, 1979, p. 314)

A primeira característica apontada por Schütz (1979) ao delinear esta província, destaca uma tensão de consciência específica ou, mais exatamente, o estado de alerta total, originado da atenção total à vida. Essa atenção, é destacada como princípio regulador da nossa vida consciente.

Outra evidência é um *epoché*<sup>6</sup> específico dessa realidade. Schütz (1979) o descreve como “suspensão da dúvida”, ou seja, “(...) a suspensão da crença nas características ontológicas dos objetos, fatos, etc., vivenciados. Cada reino básico da experiência humana (...) tem seu *epoché* particular.” (SCHÜTZ, 1979, p. 312). Podemos identificar esse *epoché* na província do cotidiano, como a suspensão da nossa crença na realidade do mundo. Aquilo que o sujeito “coloca entre parênteses” é a dúvida de que esse mundo e seus objetos pudessem ser outros que não lhe aparentam ser. Essa *epoché* é classificada por Schütz (1987) como a *epoché* da atitude natural. Ou seja, *le monde est d’emblée*, isto é, o mundo é associado à uma atitude espontânea e imediata, do aqui e agora (espacial/temporal), e nesse contexto Schütz (1987) o destaca como um mundo intersubjetivo. Esse mundo é comum a todos, e nele nós apontamos um interesse, não teórico, mas, eminentemente prático. “O mundo da vida cotidiana é a cena e o objeto de nossas ações e interações.” (SCHÜTZ, 1987, p. 105, tradução nossa).

Nesse sentido, o mundo cotidiano, segundo Schütz (1987), é qualquer coisa que nós devemos modificar por nossas ações ou que as modifica. No entanto, nem toda ação é transformadora do mundo exterior. O que Schütz (1987) destaca aqui, não é

<sup>6</sup> A suspensão ou “colocação entre parênteses” é um “mecanismo da pesquisa fenomenológica que consiste num esforço deliberado para colocar de lado todos os julgamentos ontológicos sobre a ‘natureza’ e a ‘essência’ de coisas, eventos, etc. Desse modo, a ‘realidade’ de coisas e eventos não é negada, mas ‘colocada entre parênteses’.” (HELMUT, 1979, p311)

aquilo que acomete o homem como unidade psicológica, mas, a atitude que ele adota a respeito dessas ocorrências, a significação subjetiva que o homem atribui a certas experiências de sua vida. São assim chamadas de “condutas”, estas experiências subjetivamente significativas que emanam de nossa vida espontânea sendo classificadas em dois tipos: implícita (o simples pensar) e explícita (o simples fazer/agir). Se não houver a intenção de realização, a ação implícita projetada resta ao estado de fantasma, “l'état de fantasme”, como um devaneio. Se a intenção persiste, Schütz (1987) a considera como uma ação realizada como performance. Dessa forma, toda ação explícita é considerada uma performance que exige a manifestação de movimentos corporais sobre o mundo cotidiano, ou seja, um trabalho: “Tipo significativo de espontaneidade, baseado num projeto e caracterizado pela intenção de realizar o estado de coisas projetado, através de movimentos do corpo no mundo exterior.” (SCHÜTZ, 1979, p. 250)

O trabalho é associado àquilo que ajuda o sujeito a constituir a realidade da vida cotidiana, colaborando na constituição do “eu plenamente consciente”, “(...) o eu que ‘trabalha’ como eu total.” (SCHÜTZ, 1979, p250). A partir dessa concepção, Schütz (1987) destaca a plena consciência como um plano de *extrema tensão*, que se origina em uma atitude de *atenção* inteira à vida e à suas exigências. A consciência plena proporciona ao sujeito, a integração, no e pelo seu trabalho, do seu passado, presente e futuro em uma dimensão específica do tempo.

Ao delinear esta dimensão temporal da realidade cotidiana, Schütz (1987) parte da concepção de que não visamos às experiências que temos no instante do processo em curso, antes disso, devemos retornar sobre o nosso agir através de uma atitude reflexiva. Esse exercício reflexivo atribui significados à ação. Schütz (1987) destaca que, quando projetamos nossa ação, nós antecipamos na imaginação a ação futura. “É uma antecipação vazia que talvez seja preenchida por uma ação.” (SCHÜTZ, 1987, p112, tradução nossa). Nesse caso, são destacados dois tipos temporais: a *durée* e o tempo cósmico. O primeiro diz respeito ao tempo interior/*durée* em que nossas experiências atuais são encadeadas às lembranças ou às antecipações. Aqui, Schütz (1987) destaca a perspectiva temporal com *le moi travaillant*, ou seja, com o “eu trabalhador” em que, nesse modo presente e experimentando a si mesmo como autor de seu trabalho, esse “eu trabalhador” se realiza como unidade. Porém, essa concepção se desfaz, se o sujeito retorna, pela atitude reflexiva, através dos atos de trabalho efetuados. Esse indivíduo que efetua os atos passados não é mais considerado por Schütz (1987) como um indivíduo total, ou unidade, mas um “eu parcial”.

A segunda perspectiva temporal, parte do “eu trabalhador” que interfere no mundo exterior. Esse sujeito, experiencia diferentes planos, por exemplo: na medida do tempo espacial, em forma de percurso ou caminho no mundo exterior e na medida do tempo da experiência, do interior, como as manifestações conscientes que



partem da *durée*. Esse tempo que provém do mundo exterior, como por exemplo, aquele que aparelhos cronometram e registram, é definido por Schütz (1987) como, um tempo homogêneo, espacializado, que é a forma universal do tempo objetivo ou cósmico.

Schütz (1987) destaca que, no interior da atitude natural, nós apreendemos essas dimensões temporais, na e pela vida social, como dimensões integradas em uma única, que nós supomos como homogênea. “Também múltiplas que sejam essas perspectivas temporais e sua relações mútuas, elas originam todas, na interseção da *durée* e do tempo cósmico.” (SCHÜTZ, 1987, p. 120, tradução nossa)

Nesse sentido, a dimensão proveniente da *durée* e do tempo cósmico resulta naquilo que Schütz (1987) descreve como tempo civil ou *standard*. A combinação deles origina o tempo padrão cotidiano intersubjetivo, um mundo comum da comunicação e da ação social.

Por sua vez, essa província do social, retoma o mundo intersubjetivo que existia antes de termos nascidos, o mundo de nossos predecessores, experimentado e interpretado, como um mundo organizado. A interpretação de qualquer indivíduo parte de um quadro de experiências anteriores (de nós mesmos e de nossos professores, parentes, etc.), sobre a forma de um “conhecimento disponível”. Assim como destacamos anteriormente, Schütz (1987) define que o mundo não é privado, de um único indivíduo, mas um mundo intersubjetivo. Helmut (1987) define a intersubjetividade segundo Schütz como:

Uma categoria que, em geral, se refere (especialmente em termos cognitivos) ao que é comum a vários indivíduos. Na vida diária, uma pessoa toma a existência de outras como pressuposta. (...) O conjunto de experiências no decorrer da vida de uma pessoa confirma e reforça a convicção de que, em princípio, e em circunstâncias ‘normais’, (...) na medida em que são capazes de lidar umas com as outras com sucesso, ‘compreendem’ umas às outras. (SCHÜTZ, 1979, p. 314)

Toda ação social implica a comunicação, que por si, assim como define Schütz (1987), se fundam necessariamente, nas ações do trabalho.

Compreendemos, portanto, que algumas características específicas (atenção, consciência e temporalidade/espço), integrantes do mundo da vida cotidiana, delineiam um estilo cognitivo próprio dessa realidade. A partir do momento em que nossas experiências participam desse estilo cognitivo, nós podemos considerá-la como real e lhe imprimir, como define Schütz (1987), o acento da realidade. Nossas experiências práticas comprovam a validade da unidade e da congruência do mundo do trabalho, nos indicando a hipótese irrefutável de sua realidade. Portanto, será necessário um *choque*, para nos estimular a romper os limites dessa província e a mudar o acento de uma realidade para outra.

## Alguns conceitos sobre o choque

O raciocínio do *choque* na província da vida cotidiana envolve alguns apontamentos delineados anteriormente: 1. a atenção total à vida e suas exigências (implicando o eu trabalhador e sua ação); 2. um tensionamento específico da consciência; 3. a conduta (intenção de se realizar um projeto); 4. as diferentes perspectivas temporais.

Estes pontos são cruciais para compreendermos o exercício do *choque* segundo Schütz. O ponto de partida é a afirmação de que “a atenção à vida é o princípio regulador da nossa vida consciente.” (SCHÜTZ, 1987, p. 110, tradução nossa). E que o trabalho do sujeito plenamente consciente, o integra no tempo e espaço dessa realidade. No entanto, Schütz (1987) nos adverte que, no interior do quadro fundamental de orientação, o mundo do trabalho é estruturado em diversas esferas de realidade. O indivíduo plenamente consciente compreende não apenas o mundo aberto ao trabalho, mas os mundos adjacentes do trabalho potencial. “Certamente, esses domínios não têm fronteiras rígidas, eles comportam os halos, os horizontes abertos que são sujeitos às mudanças de interesse de atitudes centrais.” (SCHÜTZ, 1987, p. 122, tradução nossa). As diversas perspectivas temporais derivadas dos relatos sociais, por exemplo, evidenciam este fator. O que Schütz (1987) denomina de “quase-presente” ao se referir à leitura de uma carta (resultado da comunicação com outro sujeito, sem ter participado dos acontecimentos de seus atos), ou em uma perspectiva da História, em que fazemos uma experiência do presente como resultado de eventos passados, demonstram perspectivas temporais que podem ser reenviadas a um presente vivo. Cada tipo de “quase-realidade” comporta suas formas de diminuição ou acréscimo temporais e os *saltos* correspondentes. Essas perspectivas temporais

(...) se sobrepõem e se interpenetram de diferentes maneiras; elas são postas em ação ou não, por um deslocamento de uma à outra, uma transformação de uma em outra; elas são sintetizadas, combinadas, separadas e desmembradas de diversas maneiras. (SCHÜTZ, 1987, p. 119, tradução nossa)

Essas perspectivas temporais e suas relações se originam, todas, na interseção da *durée* e do tempo cósmico, como já explicitamos anteriormente. O que nos importa aqui é a ocorrência desta interseção, fato que podemos associar ao exercício do *choque*.

O choque, ou seja, essa modificação radical da tensão da nossa consciência, nos estimula a um tipo diferente de atenção à vida. Schütz (1979) nos descreve o exemplo das províncias no mundo das fantasias e imaginação.

Cada uma delas se origina de uma modificação específica por que passa a realidade suprema da nossa vida diária, pois nossa mente, virando as costas para o mundo do trabalho e suas tarefas, em tensões decrescentes de consciências, retira de certas de suas camadas o acento de realidade, substituindo-o por um contexto de fantasia supostamente real. (SCHÜTZ, 1979, p. 253)

Schütz (1979) nos alerta ainda que, nesse mundo da fantasia não necessitamos vencer a resistência dos objetos do mundo exterior. Esse, já não nos estabelece limites. O “eu” que imagina, nem trabalha nem atua.

## Conclusão

Qualquer indivíduo define Schütz (1979), pode viver sucessiva, alternada ou ocasionalmente num número indeterminado de mundos: o mundo da vida, o mundo do brinquedo e da fantasia, o mundo dos sonhos, etc. Cada uma dessas esferas demonstra uma relevância relativa na vida de um sujeito. Nesse estudo, partimos da definição do choque na realidade da vida cotidiana com o propósito de delinear o *choque* segundo Schütz. Este raciocínio não foi escolhido ao acaso. A intenção foi tomar a província da realidade cotidiana como uma esfera comparativa dentre as outras, para compreendermos o que a delimitaria das demais. A partir disso, verificamos três conceitos principais dessa realidade: um estado de alerta específico que, tenciona a consciência do sujeito, aliado à uma atenção total à vida. Esse sujeito interfere no mundo cotidiano através de sua conduta, seu trabalho: uma intenção de realização daquilo que projetou.

O mundo cotidiano é *d'emblé*, e o trabalho do sujeito, ajuda a constituir essa realidade imediata e espontânea. Porém, este indivíduo está exposto ao que Schütz (1987) descreve como *anxiété fondamentale*, isto é, como uma ansiedade ou aflição fundamental, dela nascendo diversos sistemas interligados – de esperanças e medos, de perdas e satisfações, de chances e riscos, etc. –, que incitam o sujeito na atitude natural a tentar dominar o mundo, vencer seus obstáculos, estabelecer seus projetos e realizá-los. A dúvida, por exemplo, é uma situação que, segundo Schütz (1979), uma pessoa não pode mais tomar uma situação como pressuposta, por que alguns de seus elementos desafiam sua explicação em termos do conhecimento à mão.

Esse mundo cotidiano, além de tensionado por esta angústia fundamental é intersubjetivo, ou seja, quando Schütz (1979) delineia esta intersubjetividade como essa interação com o outro, partindo-se da hipótese de que esse, também está imbuído de consciência e vontade, de desejos e emoções, deparamo-nos com a experiência dessa relação com o outro que, segundo os sociólogos-fenomenologistas, envolve o “problema da intersubjetividade”, fazendo-nos perguntar: 1) como se constitui em minha mente “o outro eu” como um eu com as mesmas características (eidéticas<sup>7</sup>) básicas do meu eu? 2) como é possível a experiência de um intercâmbio com outro eu, ou, como se constitui a experiência de minha compreensão do outro e da ‘compreensão’ dele de mim?

Suponhamos que esta segunda colocação seja interessante para raciocinarmos o choque. Essa reflexividade que constitui minha experiência exige um esforço, um

7 Segundo Helmut (1979), o *eidós* designa: as características “essenciais” ou gerais de qualquer objeto perceptivo, em contraste com seus traços empíricos variáveis.



tensionamento que nos implica em direção ao outro, nos transfere à outro “eu”, esse eu parcial o qual delineamos anteriormente, não mais em sua subjetividade completa, mas nesse exercício de saltar à outra província subjetiva.

O *choque* ocorre no sujeito. Nesse instante, todo um conjunto de elementos – tais como tensão, *epoché*, atenção, consciência, temporalidade, espaço – são expostos a partir de um plano cognitivo diferenciado do anterior ao choque. Schütz define ao longo de seu raciocínio que num único dia, ou mesmo numa única hora, nossa consciência pode correr pelos mais diferentes tipos de tensão e adotar as mais diferentes atitudes de atenção à vida. O acento de realidade transita dentre as diversas camadas de realidades, a percepção do tempo, por exemplo, nos possibilita essa atitude, como na simples leitura de uma carta. O choque acomete o sujeito; contudo esse sujeito, seja em suas experiências intersubjetivas ou subjetivas, como sujeito completo ou parcial, também interfere na experiência desse *choque*. Assim nos deslocamos e trabalhamos nesse mundo, e conduzimos, mesmo que em parte, nossas experiências. O *choque* está no, e fora do sujeito.

## Referências

BENJAMIN, Walter. **Haxixe**. São Paulo: Editora brasiliense. 1984.

CAPALBO, Creusa. **A subjetividade em Alfred Schutz**. In: Veritas: Revista de Filosofia. Rio Grande do Sul. Vol. 45. N. 2. P. 289-298. Jun 2000.

GARCÍA, Marta. **As contribuições do pragmatismo de William James e da fenomenologia social de Alfred Schütz à comunicação**. In: Matrizes. São Paulo. V. 3. N. 2. P. 223-235. Jan 2010.

SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979.

\_\_\_\_\_. **Le chercheur et le quotidien**. Paris: Méridiens klincksieck. 1987.